

# **A VIDA EM COMUNIDADE: UMA BUSCA COLETIVA POR MUDANÇA E DESENVOLVIMENTO**

Indianara Aparecida da Silva<sup>1</sup>

Michela da Rocha Iop<sup>2</sup>

## **RESUMO**

A convivência social é de extrema importância para a formação dos indivíduos e da sociedade de um modo geral. As relações humanas caracterizam um importante fator de fortalecimento dos grupos sociais e da valorização do coletivo levando a busca por projetos e melhorias que beneficiem a todos, visto que o individualismo presente na sociedade contemporânea afasta as pessoas, fazendo com essas lutem de modo isolado por melhorias, o que pode não trazer muitos resultados. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi investigar qual a avaliação dos presidentes das associações de bairros do município de Rio do Sul acerca do nível de participação e comprometimento geral dos membros, e seu reflexo nos resultados. O instrumento utilizado para a obtenção dos dados foi um questionário. Participaram desta pesquisa dezoito presidentes de associações de bairros do município de Rio do Sul da gestão 2017-2019. Os resultados indicaram um nível de participação e comprometimento geral de regular a bom, e trazem à tona a importância das associações de moradores para as comunidades, bem como das ações das mesmas, visto que nas avaliações dos pesquisados as ações foram importantes e trouxeram mudanças. Ressalta-se a importância de novas pesquisas que busquem investigar o fazer das associações de moradores e grupos comunitários no geral.

**Palavras-chave:** convivência social, comunidade, grupos comunitários.

## **ABSTRACT**

Social coexistence is extremely important for the formation of individuals and society. Human relations characterize an important factor for strengthening social groups and for the

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Aluna do curso de Especialização em Desenvolvimento Regional Sustentável pelo Centro Universitário do Alto Vale do Itajaí – UNIDAVI. [indianaraap@hotmail.com](mailto:indianaraap@hotmail.com)

<sup>2</sup> Psicóloga. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI). [michela@unidavi.edu.br](mailto:michela@unidavi.edu.br)

valorization of the collective, leading to a search for projects and improvements that benefit all, since the individualism present in contemporary society distances people, making these struggles in isolation way, which may not yield many results. In this sense, the objective of this study was to investigate the evaluation of the presidents of residents associations in the city of Rio do Sul about the level of participation and general commitment of the members, and their reflection on the results. The instrument used to obtain the data was a questionnaire. Eighteen presidents of residents associations of Rio do Sul from the management of 2017-2019 participated in this research. The results indicated a level of participation and general commitment to regulate from good, and they bring to the fore the importance of the residents associations for the communities, as well as their actions, since in the evaluations of the respondents the actions were important and brought important changes. It is important to point out the importance of new research that seeks to investigate the associations of residents and community groups in general.

**Key words:** social coexistence, community, social groups.

## 1 INTRODUÇÃO

A convivência social é de extrema importância para a formação dos indivíduos e da sociedade de um modo geral. Segundo Lane (1994) o ser humano, ao nascer, precisa de outras pessoas para sobreviver, e isto já o faz pertencer a um grupo, sendo que no decorrer de sua vida a participação em grupos fará parte de sua rotina, seja por sobrevivência, lazer ou outras razões.

Essa convivência tem importante papel na formação da identidade, construindo os sujeitos a partir de suas interações. Lane (1994) aponta que viver em grupos permite confrontar as pessoas e, a partir disso, cada um vai construindo o seu “eu”. É na interação que são percebidas semelhanças e diferenças entre os membros de um grupo, e “é nesse processo que desenvolvemos a individualidade, a nossa identidade social e a consciência de si mesmo” (LANE, 1994, p.10).

A convivência entre as pessoas, porém, vem enfraquecendo. Na visão de Hertel (2003) a sociedade vive um momento de competição, em que os interesses pessoais são colocados à frente, a cooperação entre as pessoas é deixada de lado. O individualismo e o isolamento, acabam sendo efeitos do mundo globalizado. Há características positivas nesse cenário, uma

vez que este estimula a capacidade de autorrealização das pessoas, ao escreverem suas próprias histórias, mas esta situação acaba trazendo o distanciamento entre as mesmas.

Gouveia (2003) pontua que o individualismo expressa uma valorização da intimidade, no qual o “eu” vem antes do grupo, já o coletivismo expressa a cooperação entre as pessoas, o grupo importa mais do que cada um individualmente. O individualismo grosseiro, para Guareschi (2009), fundamentado na filosofia liberal, apresenta um ser humano isolado das pessoas, fechado em si mesmo e sempre competindo para sobreviver. Para o autor, a vida em comunidade possibilita a superação dessa condição, na medida em que mantém a singularidade das pessoas e ao mesmo tempo necessita dos outros para realizar-se.

De acordo com Silva (2004), os avanços em tecnologia e os efeitos disso no trabalho, a globalização e a sociedade informatizada, a diversidade cultural são questões mais recentes que modificaram modelos de sociabilidade e os modos de “estar juntos” atualmente. “As relações entre as pessoas têm se tornado impessoais por conta da grande ênfase no trabalho, da extrema velocidade com que os fatos se tornam ultrapassados e do uso do tempo de forma fugaz e superficial, sem maiores envolvimento” (RICOTTA, 2006, p.21).

Diante do exposto acima, o objetivo deste trabalho é investigar qual a avaliação dos presidentes das associações de bairros do município de Rio do Sul acerca do nível de participação e comprometimento geral dos membros, e seu reflexo nos resultados.

Este trabalho justifica-se pelo fato de fomentar a convivência comunitária, na medida em que destaca sua importância aos indivíduos, de modo a fortalecer os agrupamentos sociais com ênfase em causas coletivas. Além disso, a produção de conhecimento torna-se sempre relevante, pois estimula novas produções e também o pensamento crítico das pessoas.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

A inserção do indivíduo na sociedade se dá através do seu vínculo com os grupos, e estes determinam a vida social das pessoas, tais como a família, escola e outros. A complexidade da sociedade se inicia na medida em que o homem, transformando a natureza, transformou-se através da mesma (LANE, 1994).

O ser humano é um ser histórico e social e as suas relações moldam o seu próprio meio na medida em que é moldado por ele também, em um constante processo de aprendizado. As pessoas possuem uma necessidade de pertencer e serem reconhecidos pelos grupos no qual estão inseridos ou em sua comunidade. Isso constitui um processo de formação de identidade tanto individual quanto coletiva na medida em que as pessoas

compartilham não somente o mesmo espaço ou local, mas também os mesmos objetivos, necessidades e interesses (SILVA, 2004).

Zanella e Pereira (2001) apontam que as relações sociais surgem do encontro de diferentes pessoas em espaços sociais. As experiências vividas nestes espaços são compreendidas por cada indivíduo e voltam na forma de atividades e posicionamentos de acordo com o que cada um registra da sua presença ali.

De acordo com Lane (1994), na medida em que as pessoas desempenham vários papéis nas relações grupais que vivenciam, elas aprendem uma série de características peculiares, que dizem respeito à forma como se relacionam com os outros. É na diversidade que as pessoas se descobrem diferentes umas das outras, formando suas identidades sociais, que se definem pelo conjunto dos papéis que desempenham nos grupos que fazem parte. “Nós nos constituímos, formamos nossa subjetividade, a partir das relações. Nós somos os milhões de relações que estabelecemos desde que nascemos” (GUARESCHI, 2010, p. 18).

A convivência comunitária desenvolve o sentimento de pertencimento nas pessoas, bem como a vontade de querer melhorias através dos vínculos de confiança e do diálogo ali criados. Segundo Bauman (2003) a palavra *comunidade* remete a uma coisa boa, um lugar que aconchega e que é confortável, onde se pode contar com as outras pessoas, porém a comunidade está fora de alcance. A crítica do autor revela que a comunidade possui uma realidade que é hostil, ou não comunitária. Há uma diferença entre a comunidade imaginada e a comunidade realmente existente.

Para Guareschi (2010), é importante tratar da diferença entre sociedade e comunidade. A sociedade sendo marcada apenas por relações secundárias, funcionais e burocráticas, e a comunidade marcada, além disso, por relações primárias, de afeto, amor e comunhão entre as pessoas. Na comunidade compreendida desta forma, todos são chamados pelo nome, vistos como autônomos, podendo expressar seus pensamentos e opiniões, reconhecidos como sujeitos, realizando-se como “ser político”. A autor aponta como centrais para o ser humano as dimensões afetiva e política.

Na visão de Foguel (2009) a participação em redes ou grupos com vínculos estabelecidos que tenham objetivos comuns, pode levar a formação de uma identidade social, que se mostra mais firme e intensa, a comunidade. A comunidade se relaciona com a noção de território e entendida como “um grupo de pessoas que ocupa uma área geográfica e compartilha objetivos, valores e sonhos” (FOGUEL, 2009, p.95). Ainda segundo o autor a comunidade amplia os laços em seu interior, e estes são recíprocos o que acaba por gerar o capital social e facilitar o desenvolvimento local da comunidade.

Martins (2007), embasada nos estudos de Lane, pontua que a atividade grupal possui duas dimensões, uma externa que diz respeito à sociedade, na medida em que o grupo afirma sua identidade, e outra interna relacionada aos próprios membros, na medida em que realizam os objetivos almejados, individual e coletivamente.

Para Velho (2008) a formação de grupos, para que consigam englobar os mais variados projetos individuais, irá depender da percepção destes mesmos interesses individuais no grupo, em suas vivências. Uma dimensão participativa dos indivíduos para que expressem seus pontos de vista e determinem o caminho a ser seguido pelo grupo de maneira coletiva e colaborativa. Na medida em que são reconhecidas e expressam suas ideias, as pessoas participam da construção da cidade. Participação esta que envolve planejamento, execução das ações e resultados, como um todo (GUARESCHI, 2010).

O grupo é caracterizado principalmente por ações coletivas desenvolvidas pelos indivíduos, por mais que há momentos de produções individuais, ou em pequenos subgrupos (ZANELLA; PEREIRA, 2001). Essa produção mais individual configura o papel das pessoas em um grupo, onde cada um possui sua função, mas que, mesmo assim o grupo é coeso e funciona na complementariedade de cada fazer.

Diante disso, Zanella e Pereira (2001) afirmam que o grupo é uma forma de se relacionar que tem um sentido, e este é compartilhado por seus membros, possuindo como característica essencial, o engajamento dos indivíduos, o que em certos momentos pode não significar a concordância. Surgem diferentes ideias e opiniões e estas devem ser debatidas em conjunto, para que se chegue a uma decisão coletiva sobre os direcionamentos que o grupo deve tomar.

Segundo Guareschi (2009), existem as chamadas relações de dominação presentes nos grupos. Estas ocorrem quando as relações entre os envolvidos não forem justas, democráticas, não respeitando os direitos das pessoas. Apresentam-se na forma de dominação política, econômica e cultural, sendo que estas podem surgir dentro de uma comunidade.

As relações comunitárias são aquelas que podem conduzir uma sociedade para ser plenamente democrática, com participação e igualdade para todos (GUARESCHI, 2009). Um país só será democrático quando existir “[...] uma rede de comunidades, onde os cidadãos exercitam seus direitos de participação e são respeitados como pessoas” (GUARESCHI, 2009, p.96).

Lane (1994) aponta que quando um grupo de pessoas se encontrar para conversar sobre problemáticas que, descobrem ser comuns a todos, devido às condições sociais de vida daquelas pessoas, o grupo poderá se organizar para uma ação conjunta para solucionar os

problemas levantados. Esses grupos se mostram presentes no cotidiano, tais como grupo de mães, grupos de moradores de um bairro, entre outros.

De acordo com Campos (2004), a associação de moradores é um grupo que possibilita uma melhor compreensão da realidade em comparação ao acesso a uma pessoa de forma isolada, de modo que cada pessoa traz para o grupo suas vivências, superando as possíveis limitações individuais. Esse grupo organizado assume a posição de multiplicador das forças, elevando a possibilidade de concretizar os objetivos na comunidade no qual está inserido.

A participação das pessoas em cooperativas, associações ou outros grupos acaba por potencializar seu direito de existir, ou seja, permitindo o pleno exercício de cidadania de cada indivíduo, pois os mesmos se unem para acabar com o medo e o ódio e para não permitirem que sejam reduzidos a um estado de servidão (SANTOS; COSTA-PINTO, 2005).

Para Hernández (1996) apud Cruz, Freitas e Amoretti (0000) o nível de participação das pessoas dependerá da identificação e do compromisso destas com o projeto que estão envolvidas. Para a autora, a participação pode ser na forma de assistência, participação permanente ou participação orgânica. A assistência acontece quando não há comprometimento efetivo das pessoas ou membros com o projeto. A participação permanente ocorre quando assumir uma responsabilidade é uma exigência, levando ao trabalho em equipe. E, por fim, a participação orgânica ocorre quando há o grau de participação mais alto, as pessoas se identificam e assumem os projetos, participando do planejamento, implementação e avaliações.

Mussak (2014) aponta que, para haver comprometimento com alguma causa, necessita-se de alguns fatores importantes, como a confiança naquilo que será feito, a admiração e a paixão pela causa com que se envolve, o respeito que deve ser mútuo entre as pessoas, e a intimidade. Essas causas são determinantes do comprometimento e, para o autor, são essenciais para os resultados serem alcançados ou não.

Segundo Allebrandt et al. (2011), a participação da sociedade civil organizada na melhor gestão e na busca por melhorias nas administrações permite um pleno exercício de cidadania e a construção do desenvolvimento local. Para os autores, em pequenos municípios os cidadãos estão mais próximos da gestão, e essa participação é essencial. A eficiência social passa a ser mais relevante e priorizada.

Essa participação em um modelo descentralizado é que garantiu a plena participação do povo nos espaços para propor e avaliar o que lhe é de interesse, e interferiu positivamente nas agendas das políticas públicas. Através de conselhos e/ou grupos representativos o povo fez ouvir sua voz (ALLEBRANDT et al, 2011).

De acordo com Guareschi (2009), a política diz respeito as relações estabelecidas entre pessoas e grupos com os responsáveis pelo bem-estar da sociedade em geral, ou seja, relações entre governo e cidadãos. Nas palavras do autor, “todas as ações humanas são políticas, no sentido mais geral do termo, o ser humano é um ser político por natureza” (GUARESCHI, 2009, p.92).

Pensando na noção do desenvolvimento, este é um conceito ainda em construção, visto que possui importantes papéis ou significados em diferentes áreas de conhecimento. De acordo com Santos et al (2012) o desenvolvimento em sua definição mais básica, do dicionário, significa fazer crescer e progredir. Na análise do autor, o conceito surge na biologia para descrever o a evolução dos seres vivos.

Para compreender o conceito de desenvolvimento é preciso observar as dimensões política, econômica, ambiental e social. Na dimensão política o termo foi usado para apresentar uma nova era, como utopia, mas também como classificação dos povos. Na dimensão econômica o conceito diz respeito a uma força que conduz uma sociedade atrasada para o avanço. No aspecto ambiental o conceito traz à tona a relação entre o homem e o meio ambiente, sendo que esta deve ser equilibrada. E, por fim, a dimensão social caracterizada como o Estado de Bem-Estar Social, garantindo serviços essenciais para o ser humano para promover o desenvolvimento social (SANTOS et al, 2012).

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa teve como público-alvo os presidentes das associações de moradores dos vinte e oito bairros do município de Rio do Sul, na gestão 2017-2019. Após aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, foram feitas ligações para todos os presidentes, ocasião em que a pesquisadora que os contatou se apresentou e explicou o objetivo do estudo em questão. Neste contato também foram agendados dia e hora para a coleta de dados. Dos vinte e oito bairros, foram repassadas pela União de Associação de Bairros, um total de vinte e sete associações registradas e ativas. Participaram desta pesquisa dezoito presidentes de associações de bairros do município de Rio do Sul da gestão 2017-2019. Os outros dez não participaram da mesma devido à dificuldade de contato, a preferência por não participar e pela ausência de respostas diante do convite.

O instrumento utilizado para a obtenção dos dados foi um questionário com o total de dez questões. Os dados foram tratados e serão apresentados em forma de tabelas com os dados estatísticos (percentual de respostas), seguidos da análise descritiva do material.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nas tabelas a seguir são apresentados os resultados obtidos através do questionário aplicado aos presidentes das associações de moradores dos bairros do Município de Rio do Sul, em forma de porcentagem de respostas por alternativas de cada questão.

Cabe ressaltar que a dinâmica da avaliação se constitui numa atividade carregada de subjetividade, parte desta contida nos valores dos indivíduos envolvidos em um processo de avaliação (BOULLOSA; ARAÚJO, 2009). Nesse sentido, as informações abaixo não se constituem em verdades absolutas, mas fazem parte de um processo de investigação científica em que se busca conhecer o fazer das associações de moradores na visão de seus presidentes.

Na tabela 1, pode-se observar o que levou os presidentes a participarem das associações de moradores. Dos pesquisados, 83% consideraram a busca por melhorias como fator que os levou a participar da associação.

A motivação em participar de alguma causa coletiva ou grupo é subjetiva e relaciona-se a questões que são particulares a cada pessoa. Bock, Furtado e Teixeira (1999) apontam que a motivação se caracteriza como um processo que mobiliza o indivíduo para a ação, a partir da relação estabelecida com o meio no qual se está inserido, com a necessidade interna, relacionada aos desejos, interesses, vontades, e também com o objeto que pode ser a fonte de satisfação dessa necessidade, que neste caso, se configura como uma atividade.

A escolha em participar de grupos sociais, além de relacionar-se com a motivação individual, é também a prática da cidadania, através do qual se faz o pleno exercício dos direitos. Pozzer (2010) aponta que o processo de amadurecimento da democracia no Brasil, trouxe uma abertura dos espaços públicos, e com ele o surgimento das associações para contribuir neste espaço que deveria ser de participação e debate de questões, tanto nos locais dos grupos, quanto a nível do país.

### ***1 - Porque você participou da associação de moradores do seu bairro?***

<i>Busca por melhorias</i>	83%
<i>Desejo ser uma liderança na comunidade</i>	17%
<i>Outra Razão</i>	-

Tabela 1

Na união de grupos com interesses em comum, diversas podem ser as associações a serem constituídas, inclusive a de moradores. Estes, segundo a autora, são exemplos de uma ação organizada na participação voluntária. Possui como base a cooperação entre os membros a fim de intermediar as necessidades da comunidade com a gestão pública, sendo aí um espaço para o exercício no qual a ação comum, coletiva, se sobressai sobre o individual (POZZER, 2010).

Neste sentido, Jara (1998) pontua que a participação social se configura em espaços nos quais os mais diversos atores sociais podem expressar as suas reivindicações, trazendo olhares para suas demandas, buscar informação, propondo e descobrindo alternativas para a sociedade, exercendo o próprio controle social sobre as políticas públicas.

O autor ainda traz à tona a importância da participação social como exercício prático da cidadania e da liberdade, que acaba por orientar uma mudança de valores, bem como de relacionamentos (JARA, 1998).

De encontro a isso, a tabela 2 reflete a avaliação que cada presidente faz, relacionada a sua participação na associação de moradores, mostrando que, 94% dos pesquisados consideram boa a sua participação.

## ***2 - Como você avalia a sua participação na associação?***

<i>Boa</i>	94%
<i>Regular</i>	6%
<i>Ruim</i>	-

Tabela 2

Tal avaliação traz à tona a reflexão de que não basta simplesmente estar inserido em um determinado grupo social ou comunitário, é necessário participar efetivamente deste. Segundo Jara (1998, p.172), “a participação social é um instrumento que possibilita a mudança de relacionamentos”. O autor, porém, faz uma crítica ao discurso de participação, que segundo ele, tornou-se moda. Segundo ele, há várias formas e interpretações acerca da participação e também, houve mais discursos do que, efetivamente, participação das comunidades.

Em pesquisa realizada, Brito e Figueiredo (1997) constataram que o agente da mudança comunitária precisa estar disponível para pensar seu papel, deixando de lado posturas pré-concebidas de atuação, que talvez o deixem numa zona de conforto, mas que podem ser prejudiciais no exercício de olhar a realidade local. Nesse sentido é possível que

ocorra a transformação. Repensar o próprio fazer torna-se necessário, na medida em que possibilita a autoavaliação orientada a mudanças e melhorias.

Quanto à participação geral dos membros da associação, podemos observar na tabela 3 que, 55% dos pesquisados consideram essa participação regular.

### ***3 - Como você avalia a participação geral dos membros?***

<i>Boa</i>	28%
<i>Regular</i>	55%
<i>Ruim</i>	17%

Tabela 3

A participação deve ser considerada um direito e também um dever de todos os que estão inseridos numa sociedade e buscam a boa convivência junto a princípios de liberdade, morais, solidários e justos. Diante disso, participação é conquista, resultado de um processo que necessita de compromisso, envolvimento, presença nas ações e diálogo, levando em conta as contribuições e o potencial (DEMO, 1988 apud SETTI; BÓGUS, 2010).

Campos (2002) aponta em suas pesquisas que a consciência, como um processo psicossocial, através do trabalho de conscientização, traz à tona os determinantes das condições de vida do indivíduo. Segundo a autora, teóricos que estudam a consciência acreditam que é a percepção das situações, caracterizada como principal influência, que determina o comportamento do indivíduo como ser social.

Participar representa o desejo íntimo de cada indivíduo em contribuir com causas que ele mesmo acredita, a sua motivação interna, e os objetivos traçados por ele e pelo grupo no decorrer da caminhada. Além do compromisso, existe participação pelo resultado possível de ser alcançado. Quando se está inserido em um grupo, cada indivíduo possui seu grau de responsabilidade, de modo que os comportamentos individuais acabam impactando a todos coletivamente.

A consciência destaca a relevância em ajudar as pessoas a perceberem aspectos que não costumam atentar, sair da alienação sobre condições que já se naturalizaram e, assim, não entendem que devam se envolver para buscar mudanças. Ou seja, a consciência pode ser um facilitador para que as pessoas participem mais de aspectos referentes à sua realidade.

É a consciência que vai determinar o modo como o indivíduo irá se relacionar com o mundo, e tal consciência é determinada pela pelas estruturas sociais, mas que podem ser transformadas (GADOTTI, 2016).

A respeito do próprio nível de comprometimento com as ações da associação, observamos na tabela 4 que 83% dos pesquisados o consideram bom.

**4 - Como você avalia seu nível de comprometimento com as ações da associação?**

<i>Bom</i>	83%
<i>Regular</i>	17%
<i>Ruim</i>	-

Tabela 4

O comprometimento pode ser considerado condição essencial para o desenvolvimento das ações e sucesso dos resultados. A consciência de que sempre se está comprometido, com pessoas, objetos ou causas, leva a um modo de estar com os outros e no mundo, mais significativo, sendo efetivo, um grau de comprometimento mais profundo (CORRÊA, 2011).

A conscientização, para Freire (1979), configura-se como um compromisso histórico, a consciência histórica, uma inserção crítica, na qual os homens se assumem como sujeitos que fazem e refazem o mundo, criando sua própria existência.

Na medida em que questionamentos relacionados às razões e condições históricas da sociedade e do próprio grupo social surgirem, estes podem fornecer explicações a respeito do modo de agir e fazeres atuais, e assim, será possível desenvolver a consciência de si. Esta consciência, segundo Lane (2006), pode alterar a identidade social. A tomada de consciência, nesse sentido, pode influenciar numa atitude consciente de comprometer-se com as causas que considera importantes.

Já no que diz respeito ao comprometimento geral dos membros, 61% dos pesquisados consideram esse nível, regular, de acordo com a tabela 5.

**5 - Como você avalia o nível de comprometimento geral dos membros com as ações da associação?**

<i>Bom</i>	17%
<i>Regular</i>	61%
<i>Ruim</i>	22%

Tabela 5

O comprometimento coloca-se como uma escolha consciente e ocorre na medida em que se encontra sentido e significado no fazer proposto, sendo que até mesmo aspectos emocionais podem estar envolvidos. Diante das múltiplas tarefas assumidas nos mais diversos contextos, comprometer-se com causas sociais e voluntárias tornou-se um ato de coragem, uma luta pelo todo, travada por alguns.

Corrêa (2011) aponta que o comprometimento percorre todo o exercício da atividade humana e diz respeito ao grau de compromisso estabelecido em relação às coisas. Em todas as ações, coletivas ou não, está envolvido em grau de comprometimento. Para o autor, sempre há comprometimento com algo, porém em graus diferentes.

A história de vida de cada um dos membros que compõe o grupo tem importância ao longo do processo, uma vez que influencia na forma como o indivíduo age, se coloca no grupo, seu posicionamento, se ele se aliena, se perde, se encontra (LANE, 2001).

A respeito do impacto das ações desenvolvidas pela associação, conforme a tabela 6, 61% dos pesquisados acreditam que as mesmas trouxeram alguns resultados para a comunidade.

***6 - Como você avalia o impacto das ações desenvolvidas pela associação na comunidade?***

<i>Trouxe muitos resultados</i>	39%
<i>Trouxe alguns resultados</i>	61%
<i>Não trouxe resultados</i>	-

Tabela 6

A prática de ações comunitárias é composta de etapas para seu bom funcionamento. É necessário o planejamento de ações através de encontros e diálogo aberto, sendo que durante a sua execução são necessários participação e comprometimento dos envolvidos, bem como o monitoramento da mesma. Por fim, é de igual importância a avaliação das mesmas, na intenção de conhecer os possíveis resultados e impactos alcançados, auxiliando também nas próximas ações a serem pensadas, como aprendizado anterior.

Freire (1979) salienta que somente o homem é homem, sendo esta uma de suas características. Somente ele pode tomar distância diante do mundo e admirá-lo e, nesse sentido, pode agir de forma consciente na realidade, a “práxis humana”, a ação e reflexão do homem sobre o mundo.

Além dos impactos avaliados, é preciso refletir sobre a importância das ações desenvolvidas. De acordo com a tabela 7, todos os pesquisados consideram as ações desenvolvidas pela associação importantes.

**7 - Você considera as ações desenvolvidas pela associação importantes?**

<i>Sim</i>	100%
<i>Algumas</i>	-
<i>Não</i>	-

Tabela 7

Como representantes da comunidade, a avaliação desta se torna necessária para os direcionamentos das ações da associação de moradores, devendo esta manter canais de diálogo abertas com a comunidade em que está inserida.

De acordo com Góis (2004,) a atividade comunitária pode ser descrita como uma atividade social que é significativa e consciente, fazendo parte do modo de vida da comunidade e compreende seu sistema de relações e representações. Diz respeito à forma como a comunidade se apropria do próprio espaço, da identidade tanto pessoal quanto social, a consciência e o sentido da comunidade, bem como os valores e sentimentos existentes ali.

O impacto das ações para quem se destina a atividade comunitária, no caso, a comunidade, também foi avaliada pelos presidentes. Conforme a tabela 8, 61% dos pesquisados acreditam que a comunidade avalia como boa, as ações da associação.

**8 - Como você acha que a comunidade avalia as ações da associação?**

<i>Boas</i>	61%
<i>Regulares</i>	39%
<i>Ruins</i>	-

Tabela 8

A avaliação da comunidade se torna importante na medida em que direciona e encaminha as ações da associação para atender as demandas sentidas pela mesma. Mesmo sendo a avaliação, neste caso, feita pelo presidente da associação, embasado na sua prática e no diálogo que tem com a comunidade, faz-se necessária esta reflexão por permitir pensar o fazer do próprio grupo enquanto representante da comunidade.

Em pesquisa realizada a respeito das lideranças na comunidade, Setti e Bógus (2010) observaram que o fortalecimento do papel das lideranças foi um fator positivo na avaliação dos moradores da comunidade, uma vez que os mesmos apontaram a importância da figura do presidente da associação de bairros no atendimento das demandas dos mesmos.

Nesse sentido, a figura do presidente da associação de moradores e por que não, da associação em si, pode estar relacionada como uma referência comunitária para os moradores da comunidade na qual estão inseridos, sendo em algumas vezes procurados até mesmo antes do poder público, para atuar frente as demandas do bairro.

Toda atividade ou ação tem a capacidade de produzir mudanças, sejam elas positivas e de grande impacto, ou não. Na tabela 9, todos os pesquisados acreditam que as ações desenvolvidas trouxeram mudanças para a comunidade.

***9 -Você acredita que as ações desenvolvidas trouxeram mudanças para sua comunidade?***

<i>Sim</i>	100%
<i>Não</i>	-

Tabela 9

Avaliar mudanças não se constitui tarefa fácil. Muitos são os fatores envolvidos nesse processo, sendo importante sair da posição de protagonista das ações, para assumir a posição de observador, olhar para o bairro e para a comunidade como um todo.

Pozzer (2010) aponta que as relações entre os indivíduos de uma sociedade se voltam a interesses comuns que acabam por aproximar o grupo. Essa união, voltada as necessidades do local onde residem, traz à tona a intenção de proteger e cuidar do bem-estar da comunidade local, por meios apropriados, constituindo a prática da associação de moradores.

A associação de moradores atua na e para a comunidade, constituindo nela sua identidade enquanto grupo. Bock, Furtado e Teixeira (1999) apontam a identidade como algo em permanente transformação. Na medida em que o indivíduo age, seu fazer no mundo faz com que ele seja transformado, estando, assim, sempre em movimento.

Quanto a importância das associações de moradores para as comunidades de uma forma geral, a tabela 10, aponta que 89% dos pesquisados as consideram muito importantes.

**10 - Qual a importância das associações de moradores de uma forma geral para as comunidades?**

<i>Muito importantes</i>	89%
<i>Importantes</i>	11%
<i>Pouco importantes</i>	-

Tabela 10

A participação comunitária, termo muito utilizado recentemente em discursos políticos, traz à tona a ideia de fortalecimento dos vínculos comunitários, resgate do capital social e construção de propostas de melhoria inovadoras às demandas da comunidade. O termo deixou de ser entendido somente como organizações para protestos frente à garantia e defesa dos direitos sociais, e hoje está referida à ideia de integrar os moradores dos bairros para que juntos pensem projetos na busca por desenvolvimento social em suas comunidades. Ainda para o autor, esse trabalho comunitário é uma construção, e que atribui aos indivíduos das comunidades a função de corresponsáveis na conquista do desenvolvimento e do bem-estar social local (SORJ, 2016).

Para Bock, Furtado e Teixeira (1999), a vida cotidiana é marcada pela presença dos grupos. A todo o tempo existe estabelecimento de relações entre as pessoas, mesmo quando se está sozinho, considerando que isso ocorre através dos pensamentos. A vida em grupos contribui para a formação da identidade.

Na relação com o ambiente, o indivíduo acaba interiorizando o mundo em uma realidade subjetiva e concreta e este exterioriza através de seus comportamentos esta realidade interiorizada. Desse modo, a capacidade de resposta do indivíduo acontece por meio de sua adaptação ao ambiente em que está inserido, e quando os resultados das atividades forem positivos para o indivíduo, estas tendem a se repetir até se tornarem costumeiros (LANE, 2001).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O foco de estudo deste artigo foi investigar qual a avaliação dos presidentes das associações de bairros do município de Rio do Sul acerca do nível de participação e comprometimento geral dos membros, e seu reflexo nos resultados, através de questionários aplicados aos presidentes mediante contato e agendamento prévio.

De um modo geral as avaliações dos pesquisados foram positivas quanto à participação e comprometimento seus, e dos membros em geral. Da mesma forma que na avaliação dos pesquisados as ações da associação na gestão 2017-2019 trouxeram alguns resultados e também mudanças para a comunidade, o que, por fim, levou a considerarem a associação de moradores como muito importantes para as comunidades.

Quanto aos níveis de participação e comprometimento identificados nos questionários como bons, no que diz respeito a atuação dos presidentes das associações de moradores, supõe-se que se deve em parte ao grau de responsabilidade que carrega a função. O presidente, como representante do bairro, será cobrado e procurado muitas vezes mais do que os demais membros da associação, os quais, neste caso, tiveram uma avaliação regular de participação e comprometimento. Estes, apesar de possuírem suas funções, não respondem diretamente às demandas da mesma forma que o presidente.

Ao assumir compromissos junto à comunidade é de extrema importância ter em mente a ideia de representação conjunta, de todos os indivíduos inseridos em determinado contexto social. A participação da comunidade se torna essencial na efetivação das propostas de melhorias frente às demandas da comunidade, afinal as demandas sempre são coletivas, nunca individuais.

A associação de moradores, composta pelos membros de uma determinada comunidade, atua como representante comunitária das demandas dos indivíduos, porém é importante que se reflita que um grupo comunitário nada fará sozinho, este depende da intervenção e atuação do próprio poder público municipal, bem como do engajamento de toda a comunidade local.

Para o bom funcionamento tanto do Estado quanto de todas as Políticas Públicas desenvolvidas pelo mesmo, a participação social é essencial, não sendo apenas um direito a ser exercido, mas também se configura como um dever. Porém, o distanciamento entre as pessoas, o enfraquecimento das relações sociais, a dificuldade de lutas por causas coletivas cada vez mais bate a nossa porta, ainda que como alerta, chamando o povo a exercer sua cidadania, a ser povo.

Ressalta-se a importância de novas pesquisas que busquem investigar o fazer das associações de moradores e grupos comunitários no geral, visto que se constituem como importantes agentes de participação social e de mudanças locais, as quais, através da doação de seu tempo, fazem um trabalho que busca atender e solucionar as demandas da sua comunidade.

Por fim, fica esta reflexão “Não se pode mudar o mundo sem mudar as pessoas: mudar o mundo e mudar as pessoas são processos interligados. Mudar o mundo depende de todos nós: é preciso que cada um tome consciência e se organize” (GADOTTI, 2016, p. 24).

## REFERÊNCIAS

ALLEBRANDT, S. L. et al. Participação social no planejamento do desenvolvimento e na elaboração dos orçamentos públicos nos municípios do noroeste colonial gaúcho.

**Desenvolvimento Regional em debate.** Ano 1, n. 1, dez. 2011.

BAUMAN, Z. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias:** uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

BOULLOSA, R. de F.; ARAÚJO, E.T.de.; **Avaliação e monitoramento de projetos sociais.** Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2009.

BRITO, R. C., FIGUEIREDO, A, L. de.; **Desenvolvimento comunitário:** uma experiência de parceria. Psicologia: Reflexão e Crítica. vol.10 n.1. Porto Alegre, 1997.

CAMPOS, R.H. de F.; Psicologia comunitária, cultura e consciência. In: CAMPOS, R.H. de F.; (Org) **Psicologia social comunitária:** da solidariedade à autonomia. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2002. p.164-177.

CAMPOS, M.S.V. de O. Conjunto habitacional Avelino Alves Palma: a luta dos moradores pelo espaço. In. FERNANDES, M. E. (coord). **A cidade e seus limites:** as contradições do urbano na “Califórnia Brasileira”. São Paulo, Annablume, Fapesp. Ribeirão Preto, Unaerp, 2004. p. 79-117.

CORRÊA, I, G.; **Reflexões gerais a respeito do homem e do mundo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

CRUZ, L.R. da; FREITAS, M.de F. Q. de; AMORETTI, J. Breve histórico e alguns desafios da Psicologia Social Comunitária. IN: SARRIERA, J.C.; SAFORCADA, E.T. (Orgs.) **Introdução à Psicologia Comunitária** – Bases teóricas e epistemológicas. Porto Alegre: Sulina,2010. p. 76-96.

FREIRE, P. **Conscientização:** teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FOGUEL, F. H. dos S. **Redes de colaboração solidária:** um estudo sobre a associação de moradores do conjunto Palmeiras- Fortaleza/CE. 2009. 288f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

GADOTTI, M. Consciência e história. In: FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2018. p. 11-25.

GÓIS, C. W. de L. Psicologia Comunitária. **Universitas: Ciências da Saúde**. v.01 n.02. p.277-297, 2004.

GOUVEIA, V. V., et al. Dimensões Normativas do Individualismo e Coletivismo: é Suficiente a Dicotomia Pessoal vs. Social? **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, 2003. p. 223-234.

GUARESCHI, P.A. Relações comunitárias, relações de dominação. In: CAMPOS, R.H. de F. (org). **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. 15ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 81-99.

\_\_\_\_\_. Introdução: O mistério da comunidade. IN: SARRIERA, J.C.; SAFORCADA, E.T. (Orgs.). **Introdução à Psicologia Comunitária** – Bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 13-23.

HERTEL, H. Redes sociais e qualidade de vida. In: HOCH, L.C.; NOÉ, S.V. (orgs). **Comunidade Terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**. São Leopoldo, RS. Escola Superior de Teologia, Editora Sinodal, 2003.

JARA, C.J. Planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável da sociedade local. In: JARA, C.J.. **A sustentabilidade do desenvolvimento local**. Projeto de cooperação técnica - Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA). Recife: Secretaria de Planejamento do Estado de Pernambuco - Seplan, 1998. p. 167-182.

LANE, S.T.M. **O que é psicologia social**. 22ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

\_\_\_\_\_. O processo grupal. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. (Orgs). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 78-98.

MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar sentir em Sílvia Lane. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. spe2, 2007.

MORAZ, E.; FERRARI, F. A. **Entendendo e dominando o Excel**. São Paulo: Digerati Books, 2006.

MUSSAK, E. **Com gente é diferente: inspirações para quem precisa fazer gestão de pessoas**. 1ª ed. São Paulo: Integrare Editora, 2014.

POZZER, M. A. dos S.; **Socialização política: promoção da cidadania através das Associações de moradores**. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 2010.

RICOTTA, L. **Valores do educador: uma ponte para a sociedade do futuro**. São Paulo: Ágora. 2006.

SANTOS, C. C.; COSTA-PINTO, A. B. Potência de Ação. In: **Encontros e Caminhos:** formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, 2005.p. 297-302.

SANTOS, E. L. et al. Desenvolvimento: um conceito multidimensional. **Desenvolvimento Regional em debate.** Ano 2, n. 1, jul. 2012.

SETTI, A. F. F., BÓGUS, C. M.; Participação Comunitária em um Programa de Intervenção em Área de Proteção Ambiental. **Saúde e Sociedade.** São Paulo, v.19, n.4, p.946-960, 2010.

SILVA, R. H. A. da. **Sociedade em Rede:** cultura, globalização e formas colaborativas. 2004. Disponível em: < [http://www.bocc.uff.br/\\_esp/autor.php?codautor=830](http://www.bocc.uff.br/_esp/autor.php?codautor=830)>. Acesso em: 01 out. 2018.

SORJ, Bila. Políticas sociais, participação comunitária e a desprofissionalização do careSocial policies, community participation and the deprofessionalization of care\*. **Cad. Pagu,** Campinas , n. 46, p. 107-128, Abr. 2016.

VELHO, G. **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 8<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

ZANELLA, A. V.; PEREIRA, R. S. Constituir-se enquanto grupo: a ação de sujeitos na produção do coletivo. **Estudos de Psicologia,** Natal, v.6, n.1, p.105-114, 2001.